

MÉTODO CENTESIMAL: CORTE SOB MEDIDA – UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Centesimal's Method: tailored cut – historical approach

Firmo, Francis da Silveira; Mestre; UFGM; fsfirmo@gmail.com¹

Resumo.

Este artigo busca relacionar o surgimento e a história do 'Método de Corte Centesimal' com o contexto sócio-histórico-econômico. Além da apresentação desse método de modelagem, são estabelecidos os elos entre o hábito da costura e o surgimento/expansão/retração no número de aprendizes ao longo dos anos.

Palavras Chave. modelagem plana; contexto histórico; história da moda, moda; método de modelagem.

Abstract:

This article seeks to relate the emergence and history of the "Método de Corte Centesimal" with the socio-historical and economic context. Besides the presentation of this modeling method, establishes the link between the habit of sewing and the emergence / expansion / reduction in the number of apprentices over the years.

Keywords. flat pattern making; historic context; fashion history; fashion; pattern's method, .

Introdução

O Método de Corte Centesimal surgiu a partir da atividade de costura de uma dona de casa que, diante de suas observações, anotações e deduções advindas da sua prática no coser doméstico, aperfeiçoou a modelagem que havia aprendido e criou, com sucesso, uma nova forma de realizá-la de modo que houvesse o mínimo de provas de roupas. Eram os anos de 1934, época em que a venda de máquina de costura doméstica se popularizou e as mulheres voltavam-se para as revistas de moda, com influência francesa, repletas de fotos e croquis, desejosas de copiar os modelos apresentados e/ou oferecidos em periódicos e revistas.

¹ Formada em Design de Moda pela UFGM, Mestre em Teoria da Literatura pela mesma universidade. Tem realizado trabalhos de pesquisa voltados à História da Moda, com destaque para a fotografia, memória e vestuário.

Devido a facilidade em decodificar a arte da modelagem, o Método, voltado principalmente para a dona de casa ou mulheres de classe média que seguiam a moda e confeccionavam suas próprias roupas e a de seus familiares, se expandiu durante os anos 40, 50 e 60. Nos anos seguintes, com a maior disponibilidade no mercado de roupas prontas com preços acessíveis e melhor acabamento e modelagem, o fazer a própria roupa sofreu radical diminuição. Apesar disso o Centesimal continua a ser ensinado em cursos livres e, desde os primeiros anos deste século, é adotado em cursos de Design de Moda ministrados por faculdades mineiras.

Essa relação entre o contexto de época e o Método de Corte Centesimal, que na realidade é um método de modelagem sob medida, é abordada através de um levantamento do contexto histórico-social, obtido por literatura relacionada ao tema (principalmente no campo da história e história da moda), e também estudo analítico do conteúdo do livro do método – em diferentes edições – em função do público ao qual o material está dirigido, além de entrevistas com algumas aprendizes, professoras e seguidoras do Método.

A costura doméstica

A costura está presente desde o início do processo civilizatório, há mais de três mil anos. A experiência feminina do coser também é antiga, voltada para o ambiente doméstico, para a confecção e conservação do vestuário pessoal e familiar. Muito embora o ofício do alfaiate é conhecido na sociedade desde a Idade Média, as mulheres, de modo invisível, cosiam, mas não havia a aceitação social da oferta de mão de obra feminina no mercado. As que necessitavam prestar serviço para garantir a sua sobrevivência, as costureiras, somente obtiveram reconhecimento em 1880, e sua atividade era vista como uma forma de resistir a pobreza, “prover a subsistência de gerações femininas” (MALERONKA, 2007, p. 33).

Com o processo de urbanização a boa aparência passou a ser um indicador de prosperidade econômica, expresso pelo vestuário e uso adequado de acessórios, o que levou a uma maior demanda de serviço para as profissionais da agulha – costureiras e modistas.

Foi a Revolução Industrial que alterou o modo de fabricação da roupa. O surgimento da máquina de costura, em 1853, transformou o sistema produtivo até então existente e, no campo da moda, possibilitou que fosse experimentada uma reprodutibilidade até então nunca vivenciada. A máquina doméstica é que permitiu levar esta revolução ao lar, cuja venda era impulsionada por fortes campanhas de divulgação, o que levou à conquista de um número maior de usuárias.

A costura familiar porém esbarrava no desconhecimento, ou mesmo inabilidade, de como executar moldes adequados aos modelos e corpos aos quais as peças se destinavam – os seus filhos, maridos e a si própria. Apesar de que as prendas femininas previam como um dos afazeres os trabalhos com a agulha – costura, bordado, crochê etc –, a modelagem não estava incluída. Diante do fenômeno da urbanização e da sociedade do espetáculo, assim como o surgimento do sistema da moda – que exigiu constantes modificações no vestuário –, a elaboração de moldes não era acessível a todas as pessoas: os alfaiates, as modistas, e algumas costureiras ainda se faziam necessários para executar roupas sob medida com perfeição. Não se pode deixar de citar que foram os alfaiates os que inicialmente seguiram as regras de proporção e os que ajustaram perfeitamente as roupas aos corpos, de modo que no século XIX a alfaiataria, além de arte, era considerada uma ciência (JONES, 2005, p. 139).

Segundo Souza (2006) no tocante as competências para a produção de trajes,

Ao longo dos séculos XIX e XX (...) o alfaiate deveria conhecer as novas propostas estéticas da época, podendo confeccionar trajes masculinos ou femininos, sendo atribuídas a ele as tarefas de tirar as medidas do cliente, cortar e costurar as peças; a costureira, que inicialmente costurava apenas as peças de baixo, usadas sob o traje principal, foi adquirindo o direito de confeccionar trajes femininos e infantis; à modista cabia reproduzir um modelo feminino e orientar a cliente com relação às tendências da moda. (SOUZA, 2006, p. 29)

A autora acrescenta que de acordo com o tipo de peça do vestuário feminino que fosse confeccionado, havia diferenciação de métodos para o seu corte e, que, informações sobre moldes e costuras realizadas por mulheres são raras,

pelo fato de que, muito mais tarde que os alfaiates, obtiveram o direito de vestir as pessoas do seu sexo.

A educação feminina apresentava a costura como recurso disciplinador, ocupava o tempo e desviava os pensamentos de possíveis tentações e que “requeriam adoção de gestos e expressões corporais, (...) treinamento rigoroso da postura do corpo e do movimento das mãos, fixavam-se no objetivo de alcançar destreza, firmeza, agilidade e beleza” (MALERONKA, 2007, p. 46). Com as modificações constantes nas formas e peças do vestuário e o interesse cada vez mais crescente por andar na moda, o coser adquiria uma aplicação prática e utilitária, transmitido oralmente, de uma mulher a outra, normalmente dentro do próprio lar. Junto a outras atividades como o bordar, desenhar, tocar piano, cantar, fazia parte das prendas que a moça educada deveria dominar. Com a chegada da máquina aos lares o ritmo na confecção da roupa doméstica se acelerou e, possibilitou inclusive, por parte das senhoras mais abastadas, a execução de atividades de costura voltada a prestação de serviços a obras assistenciais e a prática de filantropia.

No início do século XX, apesar do aumento da oferta de peças de vestuário prontas nas lojas de departamento, as mulheres ou faziam as suas próprias roupas ou contratavam costureiras ou modistas. Na cidade urbana, onde o ver e ser visto passou a ser uma exigência social, com o consumo incentivado pelo comércio, trocas constantes de vitrinas, lançamentos de novas modas e modos, o gosto burguês era disseminado a todas as camadas sociais.

É importante citar que desde o final do século XIX as publicações impressas dedicadas às mulheres se expandiram. As revistas femininas apresentavam diversos temas que interessavam às donas de casa ou mulheres que não viviam da costura: além de literatura, poesias, receitas culinárias, cuidados com a beleza, continham modelos e moldes que buscavam facilitar a confecção de peças para a leitora interessada em ter a costura como um hobby. A estruturação da roupa advinda da modelagem, demanda conhecimentos específicos, mensuração e traçado apurado, atividade vista como de difícil aprendizado. Portanto, as revistas e jornais com moldes prontos continham uma abordagem didática, voltada para um público leigo, e ofereciam

a execução de determinados figurinos em um único tamanho. Porém a oferta de modelos não atendia a todos os gostos e corpos: além de ofertar apenas um número, havia a necessidade de adaptá-los aos corpos reais, com suas características específicas – pescoço curto, ombros curvados, existência de barriga etc.

As lojas de vestuário especializadas na venda de artigos importados e de luxo acompanharam o crescimento das grandes cidades. No início do século XX o aumento da produção das indústrias têxteis chegou ao consumidor final, graças aos caixeiros viajantes e a iniciativas pioneiras de comércio varejista próprio (como a 'Casa Pernambucana') ou de terceiros. Em 1910, quando a máquina de costura elétrica foi apresentada ao público, ela tornou-se um objeto de desejo das donas de casa, mas devido ao alto custo, era adquirida à medida que suas posses permitiam, quando não se contentavam com a compra das manuais. Apesar de que, em quase todos os lares as mulheres sabiam como manejá-las, os profissionais da costura (modistas, costureiras e alfaiates) ainda eram bastante requisitados no Brasil para a confecção de modelos de roupas copiados das revistas femininas, nacionais ou estrangeiras, que circulavam no país, inspirados no que era utilizado nas metrópoles internacionais. A moda parisiense, “era ecoada aqui por jornais e revistas que reproduziam croquis, fotos ou moldes de moda francesa” (BRAGA & PRADO, 2011, p. 99), disseminando a ideologia modernizadora, novos hábitos e costumes. A costura doméstica apenas garantia a confecção das roupas do dia a dia, no caso de classes sociais mais abastadas, ou complementavam a renda das classes mais baixas.

Após a I Guerra Mundial a máquina de costura já estava presente em grande parte dos lares e as donas de casa passaram a coser muitas de suas próprias roupas, mas não deixavam de contratar os serviços de profissionais quando tinham que luzir trajes em situações sociais específicas e importantes. A costura familiar foi estimulada por vários fatores: a adoção pela moda de uma modelagem mais simplificada que a de anos anteriores; a circulação e divulgação de imagens de moda por diversas revistas e jornais, o incremento

da produção de têxteis nacionais, o aumento na venda de artigos de vestuário em comparação aos períodos anteriores, o estímulo social para o consumo etc.

O método de Corte Centesimal

Nas primeiras décadas do século XX

a importância e a valorização do vestuário feminino ampliavam toda sorte de inovações ligadas a tecidos, aviamentos e adornos, pelas quais se interessavam costureiras e modistas. Presente também na vida cotidiana de outras mulheres, o vestuário feminino possibilitava-lhes evadir-se da estreiteza da vida familiar e explorar a buliçosa cidade. (MALERONKA, 2007, p. 170).

Nos anos 30 a influência do cinema nos modos e modas era notável. Surgiram nesse período croquis elaborados por brasileiros em revistas e jornais com fornecimento de moldes. Apesar de tudo a confecção de roupas no âmbito doméstico continuava a enfrentar dificuldades em relação à modelagem perfeita para o modelo escolhido.

É neste contexto que surge o *Método de Corte Centesimal*, voltado para atender a uma demanda do público leigo. A dona de casa mineira Carmen de Andrade Mello Silva aprimorou a modelagem das roupas que cosia para sua família através da observação das proporções entre as medidas do corpo e a do vestuário, de tal forma que conseguiu obter um ajuste que dispensava as provas. Obteve como resultado a confecção do modelo desejado, seguindo as medidas exatas ao corpo daquele que a usava, com ótimo caimento. Esse fato chamou a atenção das amigas, que passaram a solicitar o empréstimo dos moldes e demonstraram o interesse de aprender o segredo de sua modelagem. Ao buscar sistematizar o seu fazer, de modo que fosse compreendido por todas as pessoas, contou com a ajuda de seu marido, Antônio de Mello Silva, engenheiro, para representar as suas anotações dentro da escala corporal, de modo que os cálculos, que tanto dificultavam o aprendizado de muitas mulheres, fossem eliminados. Foi então criado o sistema de Escala, onde as medidas de perímetro corporal, necessárias para o traçado do molde, foram divididas em cem partes iguais, com cada escala representando a quarta parte do corpo humano e correspondendo a 50 unidades. As escalas são

apresentadas em forma de régua, com as já citadas 50 unidades, que vão dos 30 aos 140 centímetros. Surgia assim, em 1934, o ‘Método de Corte Centesimal’.

Dona Carmen passou a ensinar pessoalmente às amigas e interessadas a como fazer a leitura de suas anotações e o uso das escalas, nas cidades onde, em função da transferência de seu marido, fixou residência. Para facilitar foram feitas cópias heliográficas do Método, sendo que cada uma delas era numerada e assinada pela criadora.

Nos anos 40 a roupa produzida em série se firmou no contexto brasileiro, mesmo assim, as pessoas de classe média ou continuavam solicitando os serviços de costureiras ou confeccionavam elas mesmas suas roupas. O uso da máquina doméstica de costura se estendeu e muito se deve aos cursos oferecidos pela Singer aos que se interessavam. Com o advento da Segunda Guerra as mulheres passaram a atuar de modo mais efetivo no orçamento doméstico: a ajuda, nos casos das classes médias e altas, se deu com a costura caseira, voltada para seus familiares, assim como o uso da criatividade na reforma e reutilização das peças de vestuário.

Desde que foram realizadas cópias o Centesimal pôde ser ensinado por professoras avaliadas por Dona Carmen, alcançando outras cidades e estados. Como o método de modelagem permitia a criação de bases e moldes precisos e de fácil execução, a divulgação se fazia em função do bom resultado obtido. Até mesmo algumas costureiras mostraram interesse em utilizá-lo². Diante da crescente procura, ao fixar residência em Belo Horizonte nos anos 50, o casal fundou a empresa ‘Corte Centesimal Ltda’, formalizando a parte administrativa e a produção de material gráfico para ensino.

Dessa forma, as alunas do método adquiriam diretamente com sua professora o material. Ele era formado por uma caixa-estojo de madeira, contendo o livro do ‘Método de Corte Centesimal’, uma régua de madeira que funcionava como um porta-escalas, as escalas (fichas), um esquadro e uma

² O Método de Corte Centesimal conta com outros produtos, um deles é o Sistema Moldecópia, mais direcionado às costureiras. Trata-se de uma simplificação do Método original, com a venda das bases já prontas de corpinho, calça, manga, gola etc, em diferentes numerações.

curva francesa (de madeira). A caixa possuía espaços livres para que a aluna guardasse outros materiais de costura, como a fita métrica, agulhas e alfinetes, entre outros. Todo livro era carimbado, numerado e assinado por Dona Carmen, ou pessoa autorizada. A criadora do Centesimal ministrava aulas às alunas interessadas³, normalmente oriundas da classe média desejosas para confeccionar suas roupas da moda.

O livro do 'Método do Corte Centesimal', contava com uma pequena introdução: além de enfatizar a forma de tomar e anotar as medidas; listar alguns utensílios úteis às alunas, ensinar como aferir e retificar réguas e esquadros; apresentar as convenções usadas no traçado do molde que orientará a costura; há uma lista, dividida em grupos, dos traçados dos moldes que serão ensinados. Neles estão os corpinhos, mangas, golas, saias, roupas de interior (calça comprida, calça ajustada e pijama), agasalhos, roupas brancas (combinações e calcinhas) e diversos – dedicado ao maiô. Também havia um grupo para a roupa de homem e outro para a de crianças. Todos os moldes eram coloridos e em alguns poucos casos, havia o desenho da peça a ser confeccionada, como por exemplo, o tipo de manga que estava sendo modelado.

Percebe-se que o método estava dirigido à dona de casa: de modo bastante abrangente, buscava atender às suas demandas oferecendo a possibilidade de confeccionar trajes sociais, roupas "brancas", peças para os filhos e o marido, muito embora para estes estivesse circunscrito a peças mais informais, como pijama, camisa, cuecas, por exemplo, e para aqueles contava até com roupas para bebês como fraldas de lã, cueiro e camisolas.

Nos anos 50 é que surgiu no Brasil a consciência de moda, com o desenvolvimento têxtil, a divulgação nas revistas femininas – como Vogue, Elle, entre outras – dos lançamentos dos grandes estilistas europeus, além de periódicos como Cruzeiro, onde os desenhos feitos por ilustradores, como Alceu Penna acompanhavam as transformações da moda, representando tanto o glamour dos anos dourados como os modelos mais práticos e condizentes com a nova concepção da mulher moderna. Esses fatores possibilitaram o

crescimento do mercado editorial das revistas com moldes encartados. Também nessa época surgiram diversos métodos de corte e costura como o de Mme Eloyne Anecchini de Araújo, o Vogue, o Burda etc. Além de seguir a moda as mulheres exibiam, nas roupas que trajavam confeccionadas por elas, a sua criatividade pessoal: buscavam acompanhar o que era apresentado nos desfiles, nas lojas de departamento, nos desenhos das garotas do Alceu, nas imagens das revistas, e nos lançamentos dos novos nomes da costura nacional como Dener e Clodovil, que vestiam as mulheres de destaque.

As aulas e a disseminação do Método de Corte Centesimal seguiram durante os anos seguintes, mas no decorrer da década de 70, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, os movimentos de libertação feminina, o predomínio de roupas prêt-à-porter com bom acabamento e qualidade, fizeram com que as jovens não se interessassem por coser suas próprias roupas e as máquinas de costura perdessem seu lugar de destaque nos lares - apesar do surgimento de revistas com moldes prontos oferecendo uma maior variedade de modelos de modelagem bastante simplificada (Gil Brandão, por exemplo). Na década de 80 deixaram de circular vários títulos de revistas de moldes. Ainda assim, seja por questões econômicas, seja pelo gosto por trabalhos manuais, um número razoável de pessoas seguiram procurando aprender o Centesimal.

Atualmente o Método ainda é bastante utilizado, sobretudo em Minas Gerais. O aprendizado é oferecido através de vários cursos livres, e as faculdades Fumec e a Estácio de Sá o ministram no curso de Design de Moda⁴. A razão de sua adoção é por sua precisão na modelagem e de ser um método que possibilita o conhecimento da anatomia e do traçado do modelo necessário no processo de criação e montagem de peças do vestuário. A partir das bases é possível realizar todas as modificações necessárias para a execução do modelo desejado, mesmo no contexto industrial.

Quanto ao material didático ele sofreu mudanças ao longo dos anos. A 49ª edição do livro, de 2010, por exemplo, esclarece à leitora sobre a atividade

⁴ O curso da Fumec é de graduação e o da Estácio de Sá é de graduação tecnológica.

de modelagem e apresenta a história desse método familiar. São mantidos alguns dos conteúdos que se encontravam no livro dos anos 50, acrescidos de uma apresentação mais didática: após a listagem da sequência que será abordada (“Instruções, Saias, Corpinhos, Golas, Mangas, Roupas Esporte, Roupas de Criança, Roupas Masculinas e Recursos Técnicos”). Há “Tabelas de Medidas para confecção industrial” - de crianças até 12 anos, masculinos do 34 ao 54, e feminino do 38 ao 54. São apresentadas noções elementares de desenho – linhas geométricas e como traçar um retângulo –, e foram colocadas páginas em branco ao longo do livro para anotações pessoais. Na sequência os capítulos que apresentam modelos atualizados em relação ao da década de seu lançamento: como uma parte dedicada à transposição de pinças, modelos de calça esporte e saruel e, para o homem, calças, camisa social, robe e pijama. O Capítulo ‘Recursos Técnicos’ aborda como realizar as adaptações dos moldes aos diversos tipos de corpos e adaptações ao feitio. Também são apresentados outros produtos oferecidos pela empresa⁵, no final do livro eles são apresentados:

Uma das professoras do Método, Júnia Melo, proprietária da ‘Escola Oficina de Moda’ em Belo Horizonte, Minas Gerais, diante da sua vasta experiência com modelagem, atualizou a tabela de medidas femininas existente no livro para as alunas de seu curso, caso tenham interesse em adotar os tamanhos voltados para o mercado industrial. O que a motivou a fazer as correções se deve à constatação de que o corpo sofreu alterações no decorrer dos anos e da influência dos hormônios e o surgimento de volumes corporais devido as alterações hormonais advindas do processo de envelhecimento – na região do quadril, das costas, largura de braços etc. Portanto ela apresenta duas medidas para um mesmo número: por exemplo, há o 42 para a jovem e o 42 para a senhora. Suas observações vêm sendo adotadas por alunas e ex-alunas inseridas no mercado da confecção.

Como atualmente vive-se a valorização das atividades manuais, movimentos como o ‘Do it yourself’ também impulsionam a procura por aulas

⁵ São eles, o jornal Informe da Moda, o livro Costura e seus segredinhos, Livro das Malhas, além de moldes prontos (em tamanho natural e miniatura) – Pronto Centesimal, Molde.Série, Moldes Miniatura, e o Sistema Moldecópia.

de corte e costura e modelagem. Os cursos livres atendem pessoas de todas as idades, mulheres em sua grande maioria, que buscam vestir a si mesmas - ou aos seus familiares - com roupas feitas sob medida executadas por elas mesmas. Os modelos são criados ou adaptados segundo os critérios e gosto pessoal e a modelagem é valorizada pela certeza de que é ela quem estrutura as peças do vestuário. Como o Método praticamente elimina as provas de roupa e a constatação de sua modelagem praticamente dispensa provas, vem garantindo afluência permanente a esses cursos. Por outro lado, as jovens graduandas recém ingressas no mercado seguem propagando o sucesso do Centesimal, o que tem garantido o seu lugar de destaque frente a outros métodos não industriais em Belo Horizonte.

Considerações Finais

Sendo a modelagem “uma técnica que exige muita experiência e habilidade da parte do modelista, uma vez que, traçam-se moldes em duas dimensões para recobrirem as formas do corpo que são tridimensionais” (SOUZA, 2006, p. 22), as dificuldades das mulheres de hoje que costuram por prazer e que as levam a buscar o Método Centesimal, são as mesmas daquelas que, no passado, solicitaram de Dona Carmen a partilha de seu saber: uma maneira menos complicada, voltada a um público leigo, de modelar e confeccionar as roupas desejadas. Essas peças, adaptadas de modelos da moda, são criações em que quem confecciona busca, pelo vestuário pessoal, a diferenciação e personalização. Diferente da época em que havia oferta de têxteis nacionais de qualidade com preços competitivos, quando a máquina de costura ocupava lugar de destaque nos lares e que havia oferta de uma variedade de revistas com moldes prontos, a mulher atual busca o prazer de trajar uma peça feita por ela mesma, não pela imposição do coser como atributo feminino e preceito disciplinador do corpo: regido pelo gosto pessoal esse momento atual favorece a concentração e a evasão da rotina e da realidade carente de subjetividades. Uma recuperação de um tempo só para si.

A adoção do Método por faculdades que oferecem graduação atesta a qualidade da sua modelagem. Voltado à costura sob medida, o seu aprendizado permite que se adquira certo conhecimento antropométrico e que

sejam compreendidas as relações de proporções entre diferentes partes do corpo, elementos fundamentais para qualquer elaboração de moldes que reproduzam exatamente o modelo que se deseja confeccionar.

Referências:

BOUCHER, François. *História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. *História da moda no Brasil: das influências às autoreferências*. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

CAMPOS, Daniela Queiroz. Páginas da moda em revistas: Alceu Penna e a revista O Cruzeiro (1950-1964). In: *Modapalavra E-periódico*, v. 8, p. 1-21, 2011. Disponível em <http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao8/arquivos/A8-Daniela_Campos_-_Paginas_da_moda.pdf>, Acesso em 08 mai 2014.

JONES, Jenkin Sue. *Fashion Design: Manual do estilista*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
KETTELER, Judi. *Sew Retro: a stylish history of the sewing revolution*. Minneapolis: Voyageur Press, 2010.

KNUPP, Camila Cardoso; CAPELASSI, Carla Hidalgo. A evolução histórica dos moldes femininos. In: *IV Colóquio de Moda*, 2008. Novo Hamburgo - RS. Anais do IV Colóquio de Moda, 2008. Disponível em <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/41900.pdf>, Acesso em 29 abr 2014.

MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SILVA, Carmen de Andrade Mello. *Método de Corte Centesimal*. [Belo Horizonte]: [s.n.], [1958].

SILVA, Carmen de Andrade Mello. *Método de Corte Centesimal: modelagem do vestuário*. 49ª ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

SOUZA, Patrícia de Mello. *A modelagem tridimensional como implemento do processo de desenvolvimento do produto de moda*. Bauru: [s.n.], 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru. Disponível em <<http://www.faac.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Design/Dissertacoes/patricia.pdf>>, Acesso em 14 mai 2014.